



A Santa Sé

SANTA MISSA PARA A CONCLUSÃO

DA II ASSEMBLEIA ESPECIAL PARA A ÁFRICA

DO SÍNODO DOS BISPOS **HOMILIA DO PAPA BENTO XVI**

Basílica Vaticana

Domingo, 25 de Outubro de 2009

Imagens da celebração

Veneráveis Irmãos!

Queridos irmãos e irmãs!

Eis uma mensagem de esperança para a África: nós acabámos de ouvi-la da Palavra de Deus. É a mensagem que o Senhor da história não se cansa de renovar à humanidade oprimida e dominada em todas as épocas e em toda a terra, desde quando revelou a Moisés a sua vontade sobre os israelitas escravos no Egipto: "Eu vi a aflição do meu povo... e ouvi os seus clamores... conheço os seus sofrimentos. E desci para o libertar... e para o fazer sair do Egipto para uma terra fértil e espaçosa, uma terra que mana leite e mel" (*Êx 3, 7-8*). Qual é essa terra? Não é talvez o Reino da reconciliação, da justiça e da paz, ao qual toda a humanidade é chamada? O desígnio de Deus não muda. É o mesmo que foi profetizado por Jeremias, nos magníficos oráculos denominados "Livro da consolação", do qual foi tirada hoje a primeira leitura. É um anúncio de esperança para o povo de Israel, subjugado pela invasão do exército de Nabucodonosor, pela devastação de Jerusalém e do Templo e pela deportação para a Babilónia. Uma mensagem de alegria para o "resto" dos filhos de Jacob, que anuncia um futuro para eles, porque o Senhor os conduzirá para a sua terra, através de um caminho recto e acessível. As pessoas necessitadas de ajuda, como o cego e o coxo, a mulher grávida e a parteira, experimentarão a força e a ternura do Senhor: Ele é um Pai para Israel, pronto para cuidar dele como do primogénito (cf. *Jr 31, 7-9*).

O desígnio de Deus não muda. Através dos séculos e das agitações da história, Ele dirige o seu olhar sempre para a mesma meta: o Reino da liberdade e da paz para todos. E isso implica a sua predilecção por aqueles que são privados de liberdade e paz, por aqueles que são violados na sua dignidade de pessoas humanas. Pensemos em particular nos irmãos e nas irmãs que em

África sofrem por causa da pobreza, das doenças, das injustiças, das guerras e violências e das migrações forçadas. Estes filhos predilectos do Pai celeste são como o cego do Evangelho, Bartimeu, que "sentava à beira do caminho para mendigar" (*Mc 10, 46*), às portas de Jericó. Precisamente por aquela estrada passa Jesus de Nazaré. É a estrada que conduz a Jerusalém, onde se consumará a Páscoa, a sua Páscoa sacrificial, ao encontro da qual o Messias vai *por nós*. É a estrada do seu êxodo, que é também o nosso: o único caminho que conduz à terra da reconciliação, da justiça e da paz. Naquela estrada o Senhor encontra Bartimeu, que perdeu a vista. Os seus caminhos cruzam-se, tornam-se um só. "Jesus, filho de David, tem compaixão de mim!" grita o cego com confiança. Responde Jesus: "Chamai-o!", e acrescenta: "Que queres que te faça?". Deus é luz e criador da luz. O homem é filho da luz, criado para ver a luz, mas perdeu a vista, e é obrigado a mendigar. Ao seu lado passa o Senhor, que se fez mendicante por nós: sedento da nossa fé e do nosso amor. "Que queres que te faça?". Deus sabe, mas pergunta; quer que seja o homem a falar. Quer que o homem fique em pé, reencontre a coragem para pedir o que lhe cabe pela sua dignidade. O Pai quer ouvir da voz do filho a livre vontade de ver novamente a luz, aquela luz para a qual foi criado. "Rabboni, que eu veja novamente"! E Jesus disse-lhe: "Vai, a tua fé te salvou". E logo recuperou a vista e seguiu Jesus na viagem" (*Mc 10, 51-52*).

Queridos Irmãos, agradeçamos porque este "misterioso encontro entre a nossa pobreza e a grandeza de Deus" se realizou também na Assembleia sinodal para a África, que hoje se encerra. Deus renovou o seu convite: "Coragem! Levanta-te..." (*Mc 10, 49*). Também a Igreja que está em África, por meio dos seus Pastores, provenientes de todos os países do Continente, de Madagáscar e das outras ilhas, acolheu a mensagem de esperança e de luz para seguir o caminho que conduz ao Reino de Deus. "Vai, a tua fé te salvou" (*Mc 10, 52*). Sim, a fé em Jesus Cristo – quando é bem compreendida e praticada – guia os homens e os povos à liberdade na verdade, ou para usar as três palavras do tema sinodal, à reconciliação, à justiça e à paz. Bartimeu curado, ao seguir Jesus ao longo da estrada, representa a humanidade que, iluminada pela fé, se coloca a caminho rumo à terra prometida. Bartimeu, por sua vez, torna-se testemunha da luz; descreve e demonstra pessoalmente que foi curado, renovado, regenerado. Essa é a Igreja no mundo: uma comunidade de pessoas reconciliadas, agentes de justiça e de paz, "sal e luz" no meio da sociedade dos homens e das nações. Por isso, o Sínodo reafirmou com força – manifestando-o – que a Igreja é Família de Deus, na qual não podem existir divisões de género étnico, linguístico ou cultural. Testemunhos comovedores demonstraram-nos que até nos momentos mais sombrios da história humana, o Espírito Santo age e transforma os corações das vítimas e dos perseguidores, para que se identifiquem como irmãos. A Igreja reconciliada é um poderoso fermento de reconciliação em cada país e em todo o Continente africano.

A segunda leitura oferece-nos uma nova perspectiva: a Igreja, comunidade que segue Cristo no caminho do amor, tem uma forma *sacerdotal*. A categoria do sacerdócio, como chave interpretativa do mistério de Cristo, e consequentemente, da Igreja, foi introduzida no Novo Testamento pelo Autor da *Carta aos Hebreus*. A sua intuição baseia-se no Salmo 110, citado no

trecho de hoje, quando o Senhor Deus, com solene juramento, assegura ao Messias: "Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec" (v. 4). Esta referência evoca outra, extraída do Salmo 2, no qual o Messias anuncia o decreto do Senhor, que dele diz: "Tu és o meu filho, Eu hoje te gerei" (v. 7). Esses textos descrevem a atribuição a Jesus Cristo do carácter sacerdotal não em sentido genérico, mas "segundo a ordem de Melquisedec", ou seja, o sacerdócio sumo e eterno, de origem divina e não humana. Se "todo o sumo sacerdote é escolhido entre os homens e constituído a favor dos homens como mediador nas coisas que dizem respeito a Deus" (*Hb* 5, 1), só Ele, Cristo, o Filho de Deus, possui um sacerdócio que se identifica com a sua própria Pessoa, um sacerdócio único e transcendente, do qual depende a salvação universal. Cristo transmitiu o seu sacerdócio à Igreja mediante o Espírito Santo; portanto, a Igreja tem em si mesma, em cada um dos seus membros, na força do Baptismo, um carácter sacerdotal. Contudo – eis um aspecto decisivo – o sacerdócio de Jesus Cristo já não é primariamente ritual, mas existencial. A dimensão do rito não é abolida, mas, como se vê claramente na instituição da Eucaristia, assume o significado do Mistério pascal, que cumpre e supera antigos sacrifícios. Assim, nascem simultaneamente um novo sacrifício, um novo sacerdócio e também um novo templo, e os três coincidem com o Mistério de Jesus Cristo. Unida a Ele mediante os Sacramentos, a Igreja prolonga a sua acção salvífica, permitindo aos homens que sejam curados pela fé, como o cego Bartimeu. Assim, a Comunidade eclesial, ao seguir os passos do seu Mestre e Senhor, é chamada a percorrer decididamente o caminho do serviço e a partilhar plenamente a condição dos homens e das mulheres do seu tempo, para testemunhar a todos o amor de Deus, e assim, semear esperança.

Queridos amigos, a Igreja transmite esta mensagem de salvação, conjugando sempre a evangelização e a promoção humana. Tomemos como exemplo a histórica Encíclica *Populorum progressio*: o que o Servo de Deus Paulo VI elaborou em termos de reflexão, os missionários realizaram e continuam a realizar concretamente, promovendo um desenvolvimento respeitador das culturas locais e do meio ambiente, segundo uma lógica que agora, depois de mais de 40 anos, parece a única capaz de fazer com que o povo africano saia da situação de escravidão, fome e doenças. Isto significa transmitir o anúncio da esperança segundo uma "forma sacerdotal", ou seja, vivendo em primeira pessoa o Evangelho, procurando traduzi-lo em projectos e realizações coerentes com o princípio dinâmico fundamental, que é o amor. Nestas três semanas, a segunda Assembleia Especial para a África do Sínodo dos Bispos confirmou o que o meu venerado predecessor João Paulo II já tinha focalizado bem, e que também eu quis aprofundar na recente Encíclica *Caritas in veritate*: ou seja, é preciso renovar o modelo de desenvolvimento global, de modo que seja capaz de "incluir todos os povos e não apenas aqueles adequadamente habilitados" (n. 39). O que a doutrina social da Igreja sempre afirmou a partir da sua visão do homem e da sociedade, hoje é requerido também pela globalização (cf. *ibid.*) Ela – é preciso recordar – não deve ser entendida de maneira fatalista, como se as suas dinâmicas fossem produzidas por forças impessoais anónimas e independentes da vontade humana. A globalização é uma realidade humana e como tal é modificável segundo um ou outro delineamento cultural. A Igreja trabalha com a sua concepção personalista e comunitária, para orientar o processo em

termos de relacionamento, fraternidade e partilha (cf. *ibid.*, n. 42).

"Coragem, levanta-te!...". Assim se dirige hoje o Senhor da vida e da esperança à Igreja e às populações africanas, no final destas semanas de reflexão sinodal. Levanta-te, Igreja em África, família de Deus, porque te chama o Pai celeste que os teus antepassados evocavam como Criador, antes de conhecer a sua proximidade misericordiosa, revelada no seu Filho unigénito, Jesus Cristo. Empreende o caminho de uma nova evangelização com a coragem que provém do Espírito Santo. A urgente acção evangelizadora, da qual muito se falou nestes dias, inclui também um apelo premente à reconciliação, condição indispensável para instaurar na África relações de justiça entre os homens e para construir uma paz equilibrada e duradoura no respeito por cada indivíduo e cada povo; uma paz que tem necessidade e se abre à contribuição de todas as pessoas de boa vontade, além das respectivas pertenças religiosas, étnicas, linguísticas, culturais e sociais. Nesta missão empenhativa tu, Igreja peregrina na África do terceiro milénio, não estás sozinha. Toda a Igreja católica está próxima de ti com a oração e a solidariedade eficaz e, do Céu, acompanham-te os santos e santas africanos que, com a vida às vezes até ao martírio, testemunharam plena fidelidade a Cristo.

Coragem! Levanta-te, Continente africano, terra que acolheu o Salvador do mundo quando era Menino e teve que se refugiar com José e Maria no Egipto para salvar a vida da perseguição do rei Herodes. Recebe com entusiasmo renovado o anúncio do Evangelho para que a face de Cristo possa iluminar com o seu esplendor a multiplicidade das culturas e das linguagens das tuas populações. Enquanto oferece o pão da Palavra e da Eucaristia, a Igreja empenha-se também a trabalhar, com todos os meios disponíveis, a fim de que a nenhum africano falte o pão quotidiano. Por isso, juntamente com a obra de primeira urgência da evangelização, os cristãos são activos nas intervenções de promoção humana.

Queridos Padres sinodais, no final dessas minhas reflexões, desejo dirigir-vos a minha saudação mais cordial, agradecendo-vos a vossa edificante participação. Ao voltardes para casa, vós Pastores da Igreja em África, levai a minha bênção às vossas Comunidades. Transmíti a todos o apelo à reconciliação, à justiça e à paz que ressoou com frequência neste Sínodo. Ao concluir-se a Assembleia sinodal, não posso deixar de renovar o meu profundo reconhecimento ao Secretário-Geral do Sínodo dos Bispos e a todos os seus colaboradores. Exprimo um pensamento agradecido aos coros da comunidade nigeriana de Roma e do Colégio Etíope, que contribuíram para a animação desta liturgia. Enfim gostaria de agradecer a quantos acompanharam os trabalhos sinodais com a oração. A Virgem Maria recompense todos e cada um, e obtenha que a Igreja em África cresça em todas as partes daquele grande Continente, difundindo em todos os lugares o "sal" e a "luz" do Evangelho.

©Copyright - Libreria Editrice Vaticana